

Mar...mar e mar!...

Batatas cozidas a vapor...

Enfim, o AMÉLIA DE MELLO era o que era. Para já é um navio de transporte de passageiros, vulgarmente designado por paquete.

Se há navios que deixam saudades, podem crer que este foi um deles.

Valia pelo seu nome de Baptismo, e se isso não bastasse, valia pelo muito respeito á memória da Senhora D. Amélia de Mello, nossa querida "*Patroa*", cuja Fundação, teve gestos para com os seus colaboradores, não mais igualados por outra qualquer companhia de Navegação.

Para muitos o nome de ZION nada diz. Para quem por lá passou, o nome de ZION / AMÉLIA DE MELLO, navio "Almirante" da frota da Sociedade Geral, empresa do grupo CUF, acompanhá-los-á, até ao túmulo.

Foi preciso fazer correr muito sangue, antes de "A.C." (*) e depois de "a.c.", (**) para que esta unidade pudesse vir a corresponder aos objectivos para os quais tinha sido adquirida.

De facto, quando se iniciava a injeção (*limpeza interna dos tubos*) ao tubular das caldeiras principais, a *Sr.^a de Fátima e Todos os Santos* estavam presentes, em comunhão de fé connosco, rezando para que o soprador de fuligem, depois de entrar no tubular regressasse ao seu lugar fora da caldeira.

Já não sou do tempo em que o *Rui Miranda* passava a vida montado, em cima da turbo-geradora, (gerador de energia eléctrica) de manuais abertos, a resolver os constantes problemas dos reguladores de velocidade.

Também não passei, pela situação, de que o simples facto de salgar o vaporizador (*unidade produtora de água potável, a partir da água do mar*) - já depois de "A.C."- constituía razão para ser passado bilhete de desembarque e ficar no desemprego.

Quantos outros não sofreram na pele, em prol do "*Engenho*" e do ordenado, tentando resolver situações que os Alemães e os Israelitas, não haviam conseguido.

Alguns de vocês, que eventualmente possam ler este pequeno escrito, estarão recordados daquele arrancador sequencial, do motor eléctrico do compressor de ar de emergência, que comutava pontos, através de ampolas de mercúrio, accionado por uma roda pedaleira e corrente de bicicleta?

O Reginaldo Luz, na tirada da Alemanha para Lisboa, conseguiu colocar aquilo a trabalhar, coisa que os nossos amigos Alemães lograram fazer em duas semanas.

Claro que aquilo era um absurdo. Só para Português.

Fazia muito calor na casa da máquina. Estávamos imobilizados no meio do mar ia para 36 horas. Um curto-circuito no disjuntor da Turbo-geradora nr.1 provocara um "Black-out".

O Quadro Eléctrico Principal, tinha ardido, de tal modo que chegara a derreter os barramentos principais. Aquilo, só visto.

Foi um pandemónio na casa da máquina. Entre os passageiros também.

O Gerador de Porto não entrava ao quadro. E as baterias de Emergência nada.

Mais uma vez o Joaquim electricista andara a passear.

(*) – Álvaro Cunha (**) – Alberto Costa; Director e Superintendente Chefe.

O Gerador de Emergência só arrancara após a 5ª tentativa. E foi preciso o 1.º Reginaldo Luz lá ter ido.
Foi o pânico geral.

A festa volante no convés, com arraial à minhota na noite anterior, tinha sido um sucesso.

O Comandante andava com Teixeira "Pancadas" debaixo de olho. Este "*mangueiras*", não estava a ser suficientemente discreto e dançava consecutivamente com a mesma passageira.

De facto, ele não tinha sido nada "coxo" a escolher, porque ela era uma "moçoila" de se lhe tirar o chapéu. Tinha embarcado em Leixões, e ia "*de rota batida*" para "Malange".

Não é o que estão a pensar, a viagem só agora havia começado.

Na sua mala de porão, dobrada em quatro, e bem embrulhada num saco de plástico, uma certidão de casamento realizado por procuração, e 4 notas de mil escudos para as primeiras impressões, constituíam parte remanescente das prendas do "*casório*".

Deste pormenor do casamento por procuração, só eu sabia.

A festa rugia forte. Eu, entretanto, enjoado que nem uma "*cabra*", estava a apreciar o espectáculo sentado, ali a dois passos da "*moçoila*"

que andava à "perna" do Teixeira "Pancadas", digníssimo e calmo Oficial do nosso navio.

Levantei-me e apaguei o cigarro. O enjoo parecia estar a aumentar.

Acabei por dar com ela, a dar ao corpo, congregando a sua volta, uns, não sei quantos "abutres", prontos a dar uma banhada ao Teixeira "Pancadas".

Este, entretanto, já de sobreaviso das intenções do Comandante em lhe chegar a roupa ao pêlo, tinha "dado de frosques", lá para o fundo da sala.

Sim, mas de olho pregado na "moçoila". Não fosse o diabo tecê-las.

O Comandante e o e o Oficial Radiotécnico estavam sentados a mesa.

Quão não era a "espinhosa" missão de acalantar o convívio protocolar, aturando as baboseiras de alguns passageiros novos ricos?

A música pára. O Teixeira "Pancadas" esgueira-se que nem uma cobra por entre a multidão dançante, e "Zás"...

O Navio Baloíça. Alguns incautos e inadaptados passageiros agarram-se a tudo que encontram à mão.

Depois estabiliza. Nada de especial, o Imediato resolvera dar uma volta em redondo.

Tiveram muita sorte, se tivesse sido o "Corneta", pelo certo alguns tinham ido ao chão.

Na Casa da Máquina as coisas não correm pelo melhor. Os vaporizadores — destiladores têm estado quase todo o quarto (turno) salgados.

Já quase não tenho suor para suar. Estou exausto. O 2.o Oficial Veloso vem em meu auxílio.

A bomba extractora de sais deu o "prego". A cisterna baixa rapidamente.

O Zé Passos tira a bomba. O Jaime, o Paioleiro e seus "capangas" dão uma mão.

Depois, mete a Bomba. Aperta a bomba. Liga a Bomba. Lança a Bomba.

O 2.o diz que é melhor lançar o outro também.

Na oficina, torneia-se o veio. Fura-se a lanterneta.

O Caramelo beneficia o motor eléctrico. O Joaquim anda a substituir as lâmpadas, e a dar ao "*tramel*" lá pelos salões. Não faz nenhum.

Hoje é sábado. Amanhã é domingo e há missa.

O "*Zé Capelas*"; ou seja, o Capelão do navio queria eu dizer, passeava pelo convés. Em sua companhia, duas irmãs de caridade, que iam para África, evangelizar os nativos.

Passei por eles e cumprimentei. Lembrei-me logo do Teixeira "*Pancadas*". Ai. Se o padre o viesse a "*arrastar a asa*" à "*moçoila*"!

Pelo certo, iria a correr ao Comandante e contar tudo. *Bufo*. Não seria a primeira vez.

Decidira fardar-me e dar uma voltinha dos tristes pelo navio. Fazia frio. O tempo estava desagradável. Aqui. Acolá, passageiros deitados nos cadeirões, enrolados em cobertores.

Melhor seria que se fossem deitar no beliche. Aí, sempre estariam melhor. Não é verdade?.

Passo pela piscina, e reparo que está vazia. Lá dentro alguns marinheiros baldeiam.

A fuligem, proveniente da injeção ao tubular das caldeiras, deixara tudo negro devido ao vento. O navio estava desolador.

Pensava na minha Mãe. Amanhã prometo que vou a missa. Se calhar não vou.

O Engenheiro Chefe vai lá estar pela certa, e é capaz de ter que auxiliar à missa.

É melhor não ir. Vou logo ao cinema.

Entrei e fui dar uma espreitadela no Comissariado. Tudo sob controlo do Comissário Pina Antunes.

Vem aí o Comissário Chefe.

É melhor "*dar corda*" aos sapatos. Acelerei. Fui direito a sala Cabo Verde.

Aquilo ali estava animado. Olá. A "*moçoila*" ali!

Estava coradinha. Talvez um pouco "*posta abaixo*". Dava sinais de estar abatida. Também com tanto balanço, que seria de esperar?

Que se lixe... Vou mas e dormir... E lá fui a vida...

O Rui da Figueira tinha arranjado a bonita. O Engenheiro Chefe, Cardoso Pereira, estava capaz de o "comer" vivo.

Não é que o 3.º Oficial Rui, quando o Chefe lhe perguntara - quando entrou com o diário da máquina na cabina telefónica - o que e que ele tinha feito da água destilada no quarto dele. Só que este, em vez de esclarecer o Chefe, ainda lhe perguntou?

O Chefe não leu o menu do jantar de ontem?

O que e que o menu tinha a ver com o consumo da Água Destilada?

Que coisa mais disparata, a pergunta / resposta do Rui da Figueira!

O Engrº Chefe baixa à Casa da Máquina.

Cardoso Pereira, o nosso Bom Engenheiro Chefe, como alguns lhe chamavam carinhosamente, deitava fogo, perante a irreverência deste Oficial.

Mas o Rui apressou-se a mostrar-lhe o menu.

Este pegou no menu. O seu bigode oscilou. A sua testa franziu.

E lá estava escrito:

- JANTAR -

Bacalhau com Batatas Cozidas a Vapor

Um sorriso indelével nos lábios do Chefe, fez marcha a ré a toda a força.

O Rui tinha acalmado a fúria do "Leão". Mas nunca fiar. O Chefe estava "fulo".

A reprimenda não se fez esperar, educação, elegância e *profundidade*. Um sermão - que faria inveja a qualquer sacerdote profissional - foi conferido ao 3º Oficial Rui.

Mas a este, o Chefe, apenas tinha dado "uma" de avanço.

Ao dar meia volta, O Bom Chefe CARDOSO PEREIRA, assim se chamava o Engenheiro Chefe, reconhecia que tinha sido bem levado.

O "Burrinho" (bomba alternativa a vapor) não mete água no Gerador de Vapor a Vapor.

O Adão desmontou-o. Peças por todo o lado.

O Quim Romão viu, e não disse nada. Eu também nada tinha a ver com aquilo. Havia um novo no paiol.

Pela noite dentro, a malta concentrara-se na sala de convívio à popa, ao fundo da rua do "Capelão".

O Quim Romão havia composto uma música aos vaporizadores / destiladores.

A música? Trautear! Hum.. Não sei.

Ouve lá hó... pá... É isso! É?...

E a letra?

Vaporizador hó... coisa tão importante,
Vai fazendo alguma água destilada.
O patrão só dá o barco, esse tratante,
Cá a malta e que anda sempre encharcada.
Tira a bomba, mete a bomba,
Vê lá bem,
E a cisterna que água tem?

A música lá ficou afinada. Eu já não me lembro de toda a letra.

E o Quim Romão também não.

Isto é um conto. Ou seja, é uma narração. Meio verdade, meio invenção.